

**POSSIBILIDADES DA RECEPÇÃO ATIVA NA INTERNET: SOBRE REDES
E O POVO INDÍGENA AIKEWÁRA**

Hellen Maria Alonso Monarcha¹

Ivânia Neves dos Santos²

Resumo: Neste artigo, tomando como principais reflexões teóricas as discussões de Manuel Castells e Martín-Barbero, pretendemos analisar o atual momento das diferentes relações que os povos indígenas estabelecem com a rede mundial de computadores. Existe, de fato, uma possibilidade da tão discutida recepção ativa na internet vir a ser uma prática social entre eles? Como a sociedade brasileira, de forma geral compreende as novas tecnologias e os povos indígenas? Na parte final, falaremos especificamente sobre a experiência, que teve início sistemático no final de 2009, com as novas tecnologias da informação e da comunicação e o povo indígena Aikewára. Ainda que a história das sociedades indígenas e seus contatos com as mídias ocidentais tenham deixado um rastro bastante negativo, a realização de alguns projetos entre eles mostrou que também é possível colocar as tecnologias a favor da diversidade cultural.

Palavras chaves: Suruí-Aikewára, Processos de Recepção, Amazônia e Web

Abstract: In this article, taking as main reflections theoretical discussions of Manuel Castells and Martin-Barbero, we intend to analyze the current state of the various relationships that indigenous peoples have with the world wide web. There is, in fact, a much-discussed possibility of receiving active on the Internet to become a social practice among them? As the Brazilian society in general understands the new technologies and indigenous people? In the end, we are talking specifically about the experience, which began in late 2009 systematic, with the new information technologies and communication and indigenous people Aikewára. Although the history of indigenous societies and their contacts with the Western media have left a trail rather negative, the realization of some projects between them showed that you can also put the technology in favor of cultural diversity.

Keywords: Suruí-Aikewára, Reception process, Amazon and the Web

¹ Publicitária, Professora Universitária e aluna do Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA)

² Doutora em Linguística pela Unicamp, professora dos cursos de graduação de Letras e Comunicação Social do Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA)

A Internet como parte de “uma” revolução

Vivenciamos no último quarto de século o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes.

Manuel Castells

Na contemporaneidade, a sociedade da informação criou diferentes suportes materiais para estabelecer os cada vez mais velozes processos de comunicação. Hoje, em meio a sociedades complexas, os discursos que circulam nos espaços abertos pelas novas tecnologias convivem com as novas e tradicionais formas de produzir sentidos. Este início de século exibe, em sua paisagem dinâmica, as diferentes possibilidades de mediações, como em nenhum outro momento da história. Em meio a este mosaico contemporâneo de informação, atualizam-se memórias, recriam-se e se repetem antigos discursos.

Esta nova realidade, no entanto, não significa necessariamente que as sociedades ocidentais deixaram para trás suas histórias. As novas tecnologias da informação e da comunicação reeditam também os velhos discursos. As representações sociais, ainda que se constituam com o dígito, sempre serão uma tradução da sociedade que as produziu. Para exemplificar, sem muita dificuldade, podemos ver, nas “democráticas” redes sociais, postagens atravessadas por discursos preconceituosos, que discriminam o nordestino, o negro, o índio, o homossexual.

Por outro lado, estamos assistindo a uma verdadeira revolução que as redes sociais provocaram no mundo árabe, muito em função do desejo dos mais jovens por novas práticas sociais e da circulação de discursos ocidentais relacionados à liberdade de expressão. Quais serão os efeitos de toda esta movimentação que envolve a história destas nações e coloca em questão discursos estabilizados? Novas materialidades e velhos ou novos discursos? Como pensar o dígito e todas as possibilidades de produção de sentido neste início de século?

Neste artigo, tomando como principais reflexões teóricas as discussões de Manuel Castells e Martín-Barbero, pretendemos analisar o atual momento das diferentes relações que os povos indígenas estabelecem com a rede mundial de computadores. Existe, de fato, uma possibilidade da tão discutida recepção ativa na internet vir a ser uma prática social entre eles? Como a sociedade brasileira, de forma geral compreende as novas tecnologias e os povos indígenas?

Na parte final, falaremos especificamente sobre a experiência, que teve início sistemático no final de 2009, com as novas tecnologias da informação e da comunicação e o povo indígena Aikewára. Ainda que a história das sociedades indígenas e seus contatos com as mídias ocidentais tenham deixado um rastro bastante negativo, a realização de alguns projetos entre eles mostrou que também é possível colocar as tecnologias a favor da diversidade cultural.

As Redes Sociais e as Possibilidades de Recepção Ativa

Hoje, vivemos, na internet, a realidade da *Web 2.0*, uma nova concepção de uso da *internet*, bem diferente de sua origem específica e pouco interativa. Uma definição ainda recente, compreendida por alguns que conhecem sua origem e peculiaridades, que a distinguem da *web 1.0*, e ainda sem sentido para alguns que a reduzem, simplesmente, a um termo de *marketing*.

Este novo momento diz respeito a como os conteúdos são recebidos na *internet*, com que olhares, ou melhor, diz respeito a uma mudança de comportamento, a como os conteúdos são também construídos por usuários e por desenvolvedores. Este novo momento caracteriza a recepção ativa, com suas redes sociais, que vem revolucionando a comunicação deste início de século.

Assim como ocorreu com a primeira geração da *internet*, as redes sociais foram criadas com uma proposta inicial que difere dos diversos usos hoje praticados por milhões de usuários no mundo todo, conforme seus interesses particulares. Esse comportamento pode ser relacionado ao que Baccega (1998) chama de teoria da recepção.

Os receptores tornam-se co-produtores do produto cultural. São eles que o (re)vestem de significado, possibilitando a atualização de leituras, o rompimento de caminhos pré-estabelecidos de significados, a abertura de trilhas que poderão desaguar em reformulações culturais. A recepção, como ato cultural, desempenha importante papel na construção da realidade social. (BACCEGA, 1998, p. 10)

Até aqui, a recepção ativa, que vem ocorrendo com ênfase nas redes sociais, sugere uma espécie de partilha do poder entre todos. Em tese, todos interagem com todos, além de cada um decidir o que quer e o que não quer ver, o que se vai guardar e o que se vai descartar. Não se pode, no entanto, acreditar que a *web 2.0* estabeleceu uma condição de absoluta igualdade entre seus usuários.

A primeira consideração a ser feita diz respeito à acessibilidade, pois esta interação é bem mais possível, quando os usuários tem acesso à banda larga e a equipamentos atualizados. Para exemplificar, podemos pensar que em 2011, na cidade de Belém do Pará,

paga-se por uma banda larga com velocidade de 1 Mega, R\$ 120,00 (cento e vinte reais), em Macapá, no Amapá, ainda não chegaram os cabos de fibra ótica e a conectividade, via satélite, custa mais de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) ao cidadão comum, já em São Paulo, por menos de R\$ 50,00 (cinquenta reais) é possível obter uma banda larga de boa qualidade. Naturalmente que estas realidades interferem neste democrático acesso.

Outro aspecto que desmistifica a partilha compartilhada do poder na rede, diz respeito aos níveis de letramento destes usuários. Não existe recepção ativa, quando as condições de posicionamentos críticos são inexistentes ou limitadas. Esta cidadania democrática e universal proposta pela *web 2.0* só poderá ser exercida por quem, de fato, tenha condições de participar ativamente, criando novidades. Não há recepção ativa diante de usuários que só repetem o que encontram no universo digital.

Ainda sobre a rede como um espaço democrático e livre, embora as diversas possibilidades tão acessíveis dos usos da rede não deixem percebê-las claramente, há de se considerar algumas estratégias de que as próprias redes sociais se valem para controlar a circulação de informações. Um olhar mais crítico, sem muita dificuldade, consegue acompanhar este movimento.

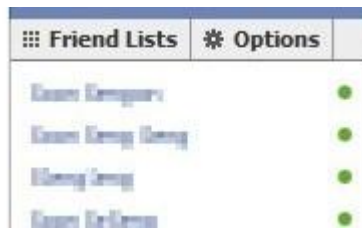
Castells (2010) afirma que, nas duas décadas passadas, aprendiam-se as novas tecnologias das telecomunicações *usando* a respeito. Agora, neste terceiro estágio, o aprendizado é de outra ordem, ele acontece *fazendo*. Atualmente, “o ciclo de realimentação entre a introdução de uma nova tecnologia, seus usos e seu desenvolvimento em novos domínios torna-se muito mais rápido no novo paradigma tecnológico.” (CASTELLS, 2010, p. 69)

Diante da condição ativa, que permite ao usuário, até certo ponto interferir na estrutura: mudar a cor, as fontes, colocar e retirar filmes, imagens, as estratégias de controles ficam menos evidentes. De certa forma, as possibilidades do *fazendo*, se comparadas com o direcionamento da programação televisiva, por exemplo, cria-se a ilusão de que não há nenhum tipo de interdição social na rede.

Um exemplo recente de como se dá a administração desta “liberdade” do *usar/fazer* e o *fazer/usar* das tecnologias, aconteceu na rede social Facebook. Atualmente, uma das mais acessadas da web, com quase 700 milhões de usuários no mundo, sendo 19 milhões no Brasil (REVISTA ÉPOCA, 2011). Recentemente, num curto espaço de tempo, menos de uma semana, o Facebook modificou a janela de bate-papo dos seus usuários pelo menos duas vezes. Vamos analisar a repercussão da primeira modificação e como ela deixou ver as sutis estratégias de controle.

Antes destas modificações, era possível enxergar todos os contatos online em ordem alfabética:

Figura 01_Bate-papo do facebook



Fonte: <http://www.numclique.net/tag/facebook>

A primeira modificação deixava visível para o usuário do bate-papo do facebook apenas os contatos com os quais ele mais interagira, não permitia a visualização dos outros usuários online de sua rede de amigos. Além disso, a janela passou a ser fixa e sem barra de rolagem, que dificultava a visualização até mesmo de seus principais contatos quando estivessem muitos online.

Figura 02_Primeira modificação do Bate-papo do facebook.



Fonte: <http://www.facebookfacil.com.br/facebook-bate-papo-lateral-filter-bubble.html>

O assunto gerou na internet uma grande quantidade de reclamações em forma de artigos em blogs, campanhas, comentários em outras redes sociais (figura 03), inclusive com questionamentos a respeito do fenômeno *filter bubble*:

Figura 03_ Manifestações contra o novo bate-papo do facebook

The image shows a search engine results page with a sidebar on the left and search results on the right. The sidebar includes categories like 'Tudo', 'Imagens', 'Vídeos', 'Notícias', 'Mais', 'Belém - PA', 'A Web', 'Em qualquer data', and 'Mais ferramentas'. The search results on the right are for the query 'bate-papo do facebook' and include several links with titles and snippets. The titles are: 'Nosso Mundo: novo bate papo facebook quer entrar no antigo...', 'Como "voltar" para o chat antigo do Facebook | Tudo Sobre Facebook', 'Como voltar a usar o antigo chat do Facebook | Revolução21', 'SOMJAH: Tenha o bate-papo antigo do Facebook', 'Bate-papo do Facebook em barra lateral: explicações e o fator...', 'Curtia o Bate Papo antigo do Facebook | Facebook', and 'Como voltar a usar o antigo chat do Facebook'. The snippets provide brief descriptions of each article, often mentioning dates and the nature of the content (e.g., 'Um protesto dentro do Facebook contra a Mudança no Bate Papo').

Fonte: www.google.com.br

Gedhin (2011) explica que independente do objeto em questão ser uma simples janela de bate-papo, o fenômeno do *filter bubble* se dá deste modo, através de um conjunto de pequenas intervenções algorítmicas que cria uma grande bolha de filtro. Além disso, o usuário final provavelmente só irá percebê-lo, se de alguma forma ele interferir em sua navegação.

Existem estudos interessantes sobre esse fenômeno, chamado “Filter Bubble” (algo como “Bolha de Filtro”, no inglês). Esse termo se refere à personalização compulsória do que consumimos na Internet, coisa que praticamente todo site grande, do Facebook ao Google, faz. A longo prazo, a bolha de filtro nos torna menos questionadores e menos suscetíveis a opiniões contrárias às nossas, o que, em última instância, limita nosso crescimento enquanto seres humanos e, numa visão mais ampla, enquanto sociedade. (GHEDIN, 2011).

Por outro lado, ainda que na internet existam, e certamente ficarão cada vez mais sofisticadas, as estratégias de controle, não podemos desconsiderar que os internautas, os telespectadores, os leitores, enfim, os receptores dos processos midiáticos, sempre foram, ainda que em diferentes níveis de autonomia, possíveis receptores ativos. Práticas discursivas que reforçam a ideia de que as sociedades se uniformizam pelo uso da tecnologia, remetem ao equívoco de que os conflitos e diferenças deixam de existir neste espaço, onde aparentemente todos falam com todos, como alerta Martín-Barbero, (2004, p.178):

De uma parte continua – agora de modo sofisticado e laico – a velha tradição idealista que opõe a tecnologia à cultura como se opõe a matéria ao espírito, e segue acreditando em uma identidade cultural. De outra parte funciona aí um contraditório conceito de “efeito” que permite, ao mesmo tempo, fragmentar o social em parcelas isoláveis de sentido e depois recompor tudo, metafisicamente, sem brechas nem conflitos.

O autor parte destas reflexões, para fomentar um importante debate a respeito das tecnologias da informação especialmente na América latina. Para ele, precisamos nos

preocupar como as tecnologias da comunicação constituem-se a partir de diversidades culturais e não ficar limitados a analisar os seus “efeitos”?

A ênfase dada por Martín-Barbero (2004), quanto a se fazer um deslocamento das tecnologias em si para os seus usos, formas de aquisição e acesso, vem ao encontro dos objetivos deste texto. Aqui, estamos fazendo uma reflexão sobre as redes sociais e os povos indígenas, portanto, falamos sobre uma multiplicidade de sujeitos que fazem diferentes usos da internet, já há algum tempo. Então, cabem indagações sobre este processo da seguinte ordem: de que maneira, com que propósitos, com que vantagens e dificuldades eles significam a rede em suas diferentes culturas e histórias?

Pluralizando as definições de rede

Os enunciados escritos e visuais a seguir, retirados do blog da aldeia Wede’rã (MT), foram produzidos por indígenas. O texto escrito é semelhante a diversos outros encontrados na internet, em blogs, microblogs e redes sociais.

Embora, sem muita dificuldade, seja possível constatar a presença de diversas etnias

Figura 04 – Blog Aldeia Wede’rã



<http://wedera.blogspot.com/2010/09/maloca-do-chico-caminatihoiwaho.html>

indígenas na internet, normalmente, quando falamos sobre esta temática, há reações de estranhamento. Imaginar que há indígenas representando-se por si mesmos, como neste exemplo, para muitos, sugere logo que eles perderam por completo sua identidade indígena.

Neste exemplo, estes indígenas estão, inclusive, participando de um evento que discute assuntos a respeito dos desafios de se estabelecer diálogos transculturais, necessidade gerada neste novo momento em que a apropriação da tecnologia pela sociedade re-significa toda a forma de viver, inclusive desses povos, há muito tempo forçados a estarem à margem. Conceber os povos indígenas como culturas isoladas, sem conhecimento ou acesso às novas tecnologias da informação, como a internet, ainda é muito frequente em nossa sociedade.

Historicamente, o acesso aos meios midiáticos impressos, à televisão, ao rádio sempre foi negado a estas sociedades. Quantos jornalistas indígenas assinam colunas nos grandes jornais impressos? Quantos são radialistas ou apresentadores de telejornais? Algum indígena já participou de uma telenovela da Rede Globo? É natural que a grande maioria da sociedade brasileira construa uma memória em que eles, a exemplo do que acontece com outras etnias, em nosso país, não consiga associá-los às tecnologias da informação ocidentais.

De todo modo, em se tratando de sociedades indígenas, há aspectos mais amplos que deverão ser discutidos, como a existência de culturas, no plural. Hoje, existem no Brasil mais de 180 povos indígenas, com histórias bem particulares e diferenças fundamentais no próprio acesso e uso das novas tecnologias e da internet. A realidade, em relação ao acesso à internet, dos Mbyá-Guarani que vivem na região do Grande Dourado-MS, onde os cabos de fibra ótica já chegaram, é bem diferente da situação dos Aikewára, no sudeste do Pará, que vivem na terra indígena Sororó, em que não há ainda nenhuma operadora de celular funcionando.

Em novembro de 2010, ocorreu na Universidade de São Paulo (USP), o 1º Simpósio Indígena sobre usos da internet no Brasil, promovido pelo Núcleo de História Indígena e do Indigenismo (NHII/USP), em parceria com o Laboratório da Imagem e Som em Antropologia (LISA/USP). Estiveram reunidas as principais lideranças de 16 sociedades indígenas brasileiras.

A realização deste evento demonstra que atualmente existe uma necessidade dos povos indígenas em relação às novas tecnologias da informação e da comunicação. A presença de indígenas nas escolas e universidades e a chegada da internet têm gerado uma série de debates sobre o futuro destes povos no mundo digital.

Figura 05_Encerramento do Simpósio Indígena



Fonte: <http://www.usp.br/nhii/simposio/>

De acordo com o site do evento:

Durante três dias, em plenárias que mesclaram apresentações de experiências de uso da internet com discussões entre os participantes, representantes de 16 povos indígenas discutiram os diferentes usos que têm feito da internet em suas comunidades. Nos debates, identificaram vários problemas comuns, a começar pelo número reduzido de comunidades indígenas que têm acesso a rede mundial de computadores. Equipamentos defasados, conexões lentas e intermitentes, falta de assistência técnica e dificuldade de acesso a programas de computadores foram algumas das dificuldades mapeadas pelo grupo. (SIMPÓSIO INDÍGENA, 2010)

As principais dificuldades relatadas pelas lideranças indígenas, neste congresso, fazem parte de um contexto maior na América Latina. Assim como acontece entre eles, milhares de latino-americanos também vivem, de certa forma, à margem de uma cibercidadania, ainda que já estejam envolvidos pelo mundo digital.

Embora em um número pouco expressivo diante da realidade brasileira, já existem muitos indígenas conectados à internet. Em maio de 2010, quando entrou na rede o aikewara.blogspot, em menos de uma semana fomos linkados a mais de 10 blogs indígenas. No twitter, hoje, há mais de 1200 usuários que assumem uma identidade indígena. No Orkut e no Facebook, sem dificuldades, podemos encontrá-los, inclusive indígenas de outros países. Quem sabe, um dia não muito distante, possamos acessar pelo Google uma versão diferente da história destas sociedades.

Seria redutor entender que há apenas passividade diante do agenciamento coletivo da subjetividade; pelo contrário, há pontos de fuga, de resistência, de singularização. Não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades. (GREGOLIN, 2007, p.11)

Não podemos desconsiderar os processos históricos em que se construíram as fronteiras entre os povos indígenas e as sociedades ocidentais, por outro lado, acreditar que

não existe um horizonte de possibilidades em que seja possível desconstruir este discurso hegemônico, é também reforçá-lo.

A rede é um objeto cultural muito simbólico entre os povos indígenas. Hoje, quando pensarmos sobre redes e povos indígenas, necessariamente, devemos pluralizar esta noção de rede.

Mundo digital e os Aikewára

A memória cultural trabalha com acontecimentos e experiências, e por isso só acumula aquilo que filtra, porque está culturalmente “carregada”: não é a memória que podemos usar, mas aquela da qual estamos feitos, e que nada tem a ver com a nostalgia, pois sua função na vida de uma coletividade não é falar do passado, mas dar continuidade ao processo de reconstrução permanente da identidade coletiva.

Jesús Martín-Barbero

Nas eleições municipais de 2006, Mairá Suruí, principal liderança Aikewára, candidatou-se a vereador, no município de São Domingos do Araguaia, sudeste do Pará. Ainda hoje, quando se entra na Terra Indígena Sororó e se chega ao primeiro núcleo de casas tradicionais, é possível observar o nome de Mairá e os números da sua inscrição como candidato. Embora não tenha conseguido se eleger, ele fala muito orgulhoso que todos os Aikewára votaram nele.

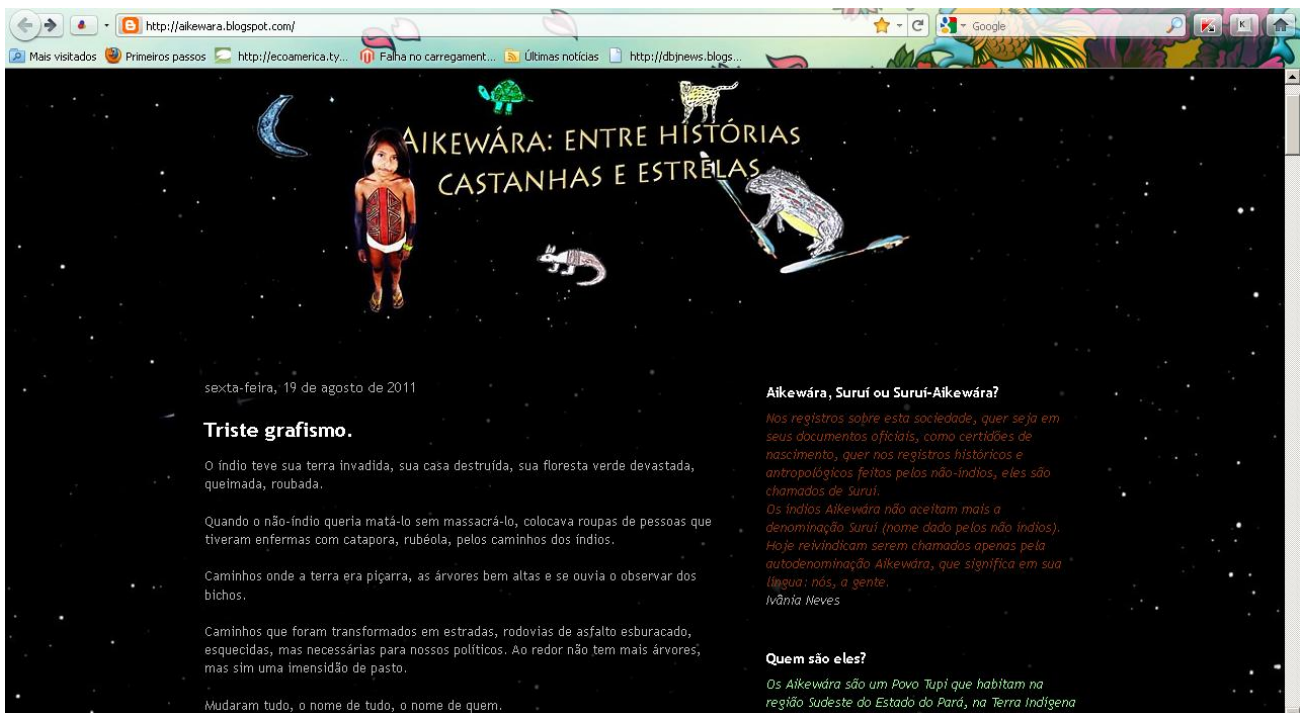
Atualmente, os Aikewára somam pouco mais de 300 índios, em sua maioria crianças. Os poucos índios mais velhos, que conseguiram comprovar a idade, são aposentados pela previdência social e, naturalmente, receberam um cartão bancário e uma senha. Assim também como receberam cartões bancários as famílias que participam de projetos de assistência social do governo. Entre eles, ainda há os que exercem alguma função remunerada, como os agentes de saúde e os professores. O caixa eletrônico, no entanto, representa uma grande dificuldade para a maioria deles. Só os mais novos conseguem mexer nestas máquinas.

O censo 2010 chegou a Sororó e pela primeira vez o IBGE vai realizar um levantamento sobre a população e as línguas indígenas. Chegou também a luz elétrica em todas as casas. Assustados, em junho, eles receberam a primeira tarifa e não entendiam bem o que significava. Na aldeia já podemos ver os postes espalhados e os registros metálicos marcando o consumo. Alguns deles também possuem aparelhos de telefone celular, que

utilizam quando estão nas cidades mais próximas, porque em Sororó não há sinal de nenhuma operadora.

Em julho de 2010, começou a construção de uma nova escola estadual na Terra Indígena Sororó. Nela haverá uma sala de informática com acesso à internet. Os mais jovens e as crianças, principalmente, ficam bem animados com a possibilidade de um acesso fácil à rede mundial de computadores. Alguns deles já possuem e-mails, três já são responsáveis por uma parte dos textos do aikewara.blogspot.com

Figura 06_ Blog Aikewára

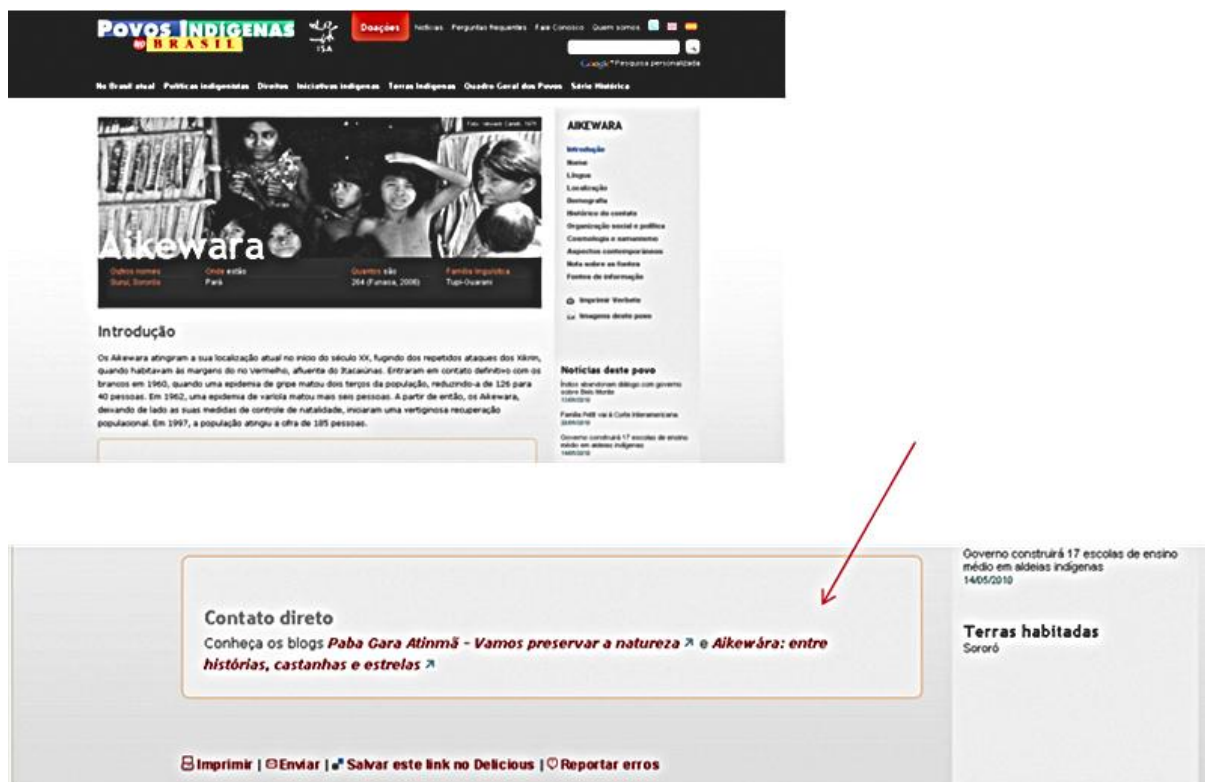


Fonte: <http://aikewara.blogspot.com/>

Há um canal de filmes Aikewára postados no YouTube e em outubro de 2010, durante o projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias na escola”, quatro filmes foram produzidos sobre a cultura Aikewára, um deles é “A Comida Aikewára”.

Murué e Tiapé Suruí passaram a ser usuários do twitter. Os dois se mostraram bastante interessados em conhecer mais sobre esta mídia e sobre as redes sociais como um todo, em ser os multiplicadores das possibilidades contidas nos pios do pássaro azul na sociedade Aikewára. Ainda no segundo semestre de 2010, o *blog* dos Aikewára passou a ser citado nos sites do Instituto Socioambiental (figura 07).

Figura 07_ Menção ao site Aikewára: entre histórias, castanhas e estrelas no site do PIB



Fonte: pib.socioambiental.org

Os Aikewára já fazem parte, há algum tempo, de projetos envolvendo novas tecnologias, como o projeto Crianças Suruí-Aikewára apoiado pelo Criança Esperança em parceria com a UNESCO, originados na Universidade da Amazônia .

Por isso, têm certa experiência com os meios de comunicação tradicionais e alguns digitais, como seu próprio blog. Eles já foram entrevistados pelas emissoras de TV: Rede Globo, TV Cultura, TV Record, TV RBA e TV Nazaré.

Quando entramos pela pequena estrada de acesso às casas da aldeia, também chama atenção o fato de que quase todas as casas exibem uma antena parabólica. Mas, se levantarmos um pouco os olhos, perceberemos que por traz destas casas há também as grandes castanheiras e a única parte conservada da floresta na região, onde os Aikewára passam a maior parte do tempo, de onde retiram a caça, as frutas, que são a base de sua alimentação. Embora já estejam definitivamente conectados, eles não deixaram de ser um povo da floresta.

Os Aikewára convivem com o dígito de seus cartões bancários, os dígitos eleitorais pintados nas paredes de suas casas, os dígitos do registro de luz elétrica, os dígitos dos aparelhos receptores das parabólicas e os com os celulares. E diferente do que aconteceu com

muitas sociedades indígenas, a experiência entre eles, durante a realização de projetos educacionais mostrou que, quando possível, estes sujeitos, com suas identidades cambiantes, escrevem com jenipapo e urucum sua identidade Aikewára na telinha.

Considerações Finais

Cientes ou não, vivemos todos influenciados, direta ou indiretamente, pela revolução ocasionada pelas tecnologias da informação.

Como Tecnologia, entendo, em linha direta com Harvey Brooks e Daniel Bell, “o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira *reproduzível*”. Entre as tecnologias da informação, incluo, como todos, o *conjunto convergente* de tecnologias em microeletrônica, computação (*software e hardware*), telecomunicações/rádiodifusão e optoeletrônica. Além disso, diferentemente de alguns analistas, também incluo nos domínios da tecnologia da informação a engenharia genética e seu crescente conjunto de desenvolvimentos e aplicações. (CASTELLS, 2010,p.67)

Castells (2010) parte de um conceito amplo para enfatizar a importância da era digital, comparando-a à Revolução Industrial do sec.XVIII, pela sua característica de induzir à descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura. Ele procura mostrar que todas as revoluções tecnológicas estão voltadas para o processo, são o tecido e não uma ocorrência externa à atividade humana.

Da invenção da roda ao mundo digital, houve muitos momentos em que as revoluções tecnológicas promoveram profundas transformações sociais. O que vemos, agora, no entanto, é que este novo paradigma das novas tecnologias da informação, sem desconsiderar as relações de poder em que ele está envolvido, embalado pela velocidade e possibilidades do dígito, de certa forma, dissolve os limites territoriais e temporais. Até aqui, as transformações produzidas pela tecnologia aconteciam a partir de restrições de usos, localizações e expansão, gradual, dos conhecimentos adquiridos para outras sociedades.

Os povos indígenas são parte integrante deste novo cenário internacional, portanto, estão inseridas, de diferentes maneiras, nesta nova forma de globalização. E, ainda que existam sociedades isoladas dentro da Amazônia, no Brasil, a maioria mantém relações efetivas com a sociedade envolvente. Já estabelecem, portanto, uma fronteira cultural com as instituições ocidentais (igreja, escola, televisão, rádio, secretarias públicas, ONGs, entre outras).

São sociedades de fronteiras e vivem em constante negociação de culturas. Não cabem mais em uma única e estanque identidade e muito provavelmente nunca couberam. O discurso que prevalece sobre o isolamento pré-colombiano é apenas mais uma invenção ocidental, pois

sempre houve interação entre as sociedades indígenas, através de rituais religiosos, festas, guerras etc.

Hoje, estes povos nativos da América são indígenas, mas são brasileiros, são estudantes, muitos estão imersos em práticas religiosas cristãs, são consumidores, telespectadores e já começam a ser usuários de internet. Acreditar que depois de contactadas estas sociedades não se atravessariam pelas culturas ocidentais é no mínimo ingênuo.

A mídia alcançou uma pluralidade de novos espaços e já podemos sentir os alcances da web 2.0 com seus *blogs* e *sites* de relacionamentos anunciando a “democratização” da comunicação. Só não podemos ignorar, que apesar de tantas transformações, todos estes processos de mediação continuam entoados pelas antigas e remasterizadas relações de poder que dividiram o mundo entre metrópoles e colônias.

Sem muita dificuldade, numa pesquisa no Google, se colocarmos “Índios Tupinambá”, “Imagens”, o que aparece são os registros feitos pelos europeus, no início do século XVI, tomados como legítima representação da antropofagia. Neles, este importante ritual, desprovido de qualquer aspecto religioso, aparece como uma refeição cotidiana daqueles malvados e selvagens índios. Agora, a invenção do índio selvagem que se iniciou com as palavras dos primeiros navegadores pode ser acessada sem nenhuma dificuldade teclando na Web. Seria ingênuo acreditar que os velhos discursos não estariam traduzidos para o dígito.

Por outro lado, embora as condições que os usuários têm acesso à internet não sejam iguais, a web 2.0 representa hoje um novo espaço-tempo na comunicação e estabelece, ainda que marcada pela desigualdade, uma nova cartografia.

Nos blogs, no twitter, nos diferentes sites de relacionamentos, os usuários se aproximaram de uma recepção ativa e é possível pensar em interatividade. Nesta nova cartografia que começa a se desenhar, a web 2.0 representa o ambiente em que os mais diferentes sujeitos podem ser lidos, ouvidos, vistos e assistidos. Ela institucionaliza um novo tipo de conduta, não mais limitado apenas às relações de poder que estabeleceram a administração dos gestos de leitura no ocidente.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação.** São Paulo, 1998.

BONIN e RIPOL. **Se tudo der errado...viro índio: marcas da diferença em comunidades do Orkut.** 2009.

Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2009/es/coms/se-tudo-der-errado-viro-indio-marcas-da-diferenca-em-comunidades-do-orkut/1028/>

Acesso em: 02 de maio de 2011

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

COMM, Joel. **O poder do twitter: estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um tweet por vez**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

GEDHIN, Rodrigo. **Bate-papo do Facebook em barra lateral: explicações e o fator “filter bubble”**. 19 de Julho de 2011.

Disponível em: <http://www.facebookfacil.com.br/facebook-bate-papo-lateral-filter-bubble.html>

Acesso em: 10 de Agosto de 2011

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do Discurso e mídia: a reprodução das identidades**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, Vol. 4, No11 (2007).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

MONARCHA, Hellen Maria A. **Trajetórias Iniciais: memória das sociedades indígenas no twitter**. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 03., 2010, Recife. Anais...Recife: NEHTE/UFPE, 2010.

NEVES, Ivânia. **E-aikewara: inscrições de urucum no ciberespaço**. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 03., 2010, Recife. Anais...Recife: NEHTE/UFPE, 2010.

_____. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2009

O'REILLY ,Tim. **O que é Web 2.0?** Tradução: Miriam Medeiros. Revisão técnica: Julio Preuss. Novembro 2006.

Disponível em: <http://www.cipedya.com/doc/102010>

Acesso em: 03 de outubro de 2010

REVISTA ÉPOCA. Ciência e Tecnologia. **Brasil lidera crescimento do Facebook no mundo**. 30.05.2011

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI237259-15224,00.html>

Acesso em: 21 de Julho de 2011

Simpósio indígena avaliou usos da internet em comunidades no Brasil. São Paulo, 28.11.2010.

Disponível em: <http://www.usp.br/nhii/simposio/>

Acesso em: 14 de março de 2011